

# CONTRIBUIÇÕES INTERNACIONAIS PARA A VISIBILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PESQUISAS SOBRE CONHECIMENTOS AGRÍCOLAS TRADICIONAIS

INTERNATIONAL CONTRIBUTIONS TO THE VISIBILITY OF GENDER RELATIONS IN RESEARCH ON  
TRADITIONAL AGRICULTURAL KNOWLEDGE

## RESUMO

Este trabalho objetiva apresentar elementos teóricos e metodológicos identificados em pesquisas internacionais sobre conhecimentos agrícolas tradicionais das mulheres. Para tanto, elencamos as características em comum dos estudos revisados, sobre esses conhecimentos; refletimos como a ciência tem invisibilizado esses saberes, apontando os elementos que ficam apagados nas investigações sobre biodiversidade, conhecimentos tradicionais etc.; indicamos pontos a serem levados em consideração na construção de um projeto de pesquisa que visibilize os conhecimentos das mulheres e buscamos evidenciar como a forma de fazer pesquisa, cega às relações de gênero, pode contribuir para o aceleramento da erosão dos conhecimentos tradicionais das mulheres e, com isso, com o enfraquecimento das comunidades tradicionais como um todo, assim como, da soberania, segurança alimentar e diversidade cultural dos povos.

**Palavras-chave:** Agroecologia. Mulheres camponesas. Biodiversidade. Epistemologia.

## ABSTRACT

The present work aims to present theoretical and methodological elements identified in different international revised studies on traditional agricultural knowledge by women. In this sense, it reflects on how science has made such knowledge invisible, pointing out the elements that are left out in the investigations on biodiversity and traditional knowledge. We also point out aspects to be taken into account in the construction of a research project that stresses the knowledge of women, enabling stronger visibility to gender relations. We seek to highlight the fact that doing research and scientific production blind to gender relations can contribute to accelerating the erosion of women's traditional knowledge and, with that, cause the weakening of traditional communities as a whole, putting in danger food sovereignty, food security and cultural diversity.

**Keywords:** Agroecology. Peasant women. Biodiversity. Epistemology.

---

### Renata Rocha Gadelha

Licenciada em Filosofia pela Unicamp; mestra em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável pela UFFS/Laranjeiras do Sul-PR; doutora em Desenvolvimento Rural Sustentável pela UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon-PR; pós-doutoranda em Desenvolvimento Regional pela UTFPR/Pato Branco-PR. Instituição: Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR), da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) de Pato Branco/PR. E-mail: renatargadelha@gmail.com

## Introdução

Apesar de as mulheres, através de seus conhecimentos e habilidades, serem cruciais para a conservação e uso da biodiversidade, soberania, segurança alimentar e identidade cultural dos povos, em todo o mundo, tanto as mulheres, como as relações de gênero, em geral, dificilmente são consideradas nas pesquisas científicas<sup>1</sup>, políticas e projetos que têm como objetivo a conservação e promoção dos mesmos (Howard-Borja; Cuijpers, 2013; Pfeiffer; Butz, 2005). Nos estudos sobre os sistemas agrícolas ecológicos tradicionais, conhecimentos tradicionais, em geral, não há diferenciação de gênero na descrição das práticas e saberes (como, por exemplo, nos estudos clássicos de Toledo e Barrera-Bassols, 2015; Altieri, 2012; Gliessman, 2005; dentre outros).

Neste artigo buscaremos problematizar essa questão a partir de estudos que têm abordado essa temática, sobretudo, no âmbito internacional. Estes estudos evidenciam a predominância de um viés androcêntrico das ciências que têm invisibilizado as mulheres e as relações de gênero, com consequências para compreensão da realidade e, com isso, interferindo na forma como se pensa políticas públicas, projetos, leis etc., nos diferentes países.

No Brasil, apesar da discussão de gênero ter avançado nos estudos da Agroecologia, da questão agrária, sociologia rural, estes têm focado na condição da mulher no campo, nas formas de exploração-dominação, sem adentrar no campo de seus conhecimentos agrícolas (com exceção de alguns estudos acerca dos conhecimentos sobre plantas medicinais). Em geral, as pesquisas apontam que as mulheres cultivam hortas, quintais produtivos, manejam alta biodiversidade, contribuem para a geração de renda e segurança alimentar das famílias. Todavia, as investigações, em geral, não têm avançado para além disso, embora, algumas autoras já tenham apontado essa lacuna há algum tempo (Pacheco, 1997; Siliprandi, 2015; Ramos, 2017).

Sendo assim, partimos para a revisão de literatura internacional sobre o tema, a qual nos traz elementos que nos permitem aprofundar as reflexões e estudos sobre os conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais das mulheres. Neste trabalho buscamos organizar algumas informações identificadas em comum nos diferentes estudos de caso consultados. Também trouxemos as reflexões de autoras que já têm se debruçado sobre esse tema e apontam elementos importantes para pensarmos em teorias, metodologias, procedimentos de pesquisa, em investigações futuras acerca dos conhecimentos das mulheres do campo.

---

<sup>1</sup> “Em uma revisão de estudos etnobiológicos (296) e etnobotânicos (424) contidos no Journal of Ethnobiology and Economic Botany, respectivamente, entre 1981 e 2004 (...) menos de 5% dos artigos de pesquisa examinaram a variação baseada em gênero no conhecimento e na prática etnobiológicos. O atual *modus operandi* na maioria dos estudos de campo etnobiológicos envolve amostragem proposital ou de julgamento, ou seja, selecionar um pequeno número de informantes-chave, que podem ou não representar a variação coletiva nos conhecimentos etnobiológicos (...) essa técnica assume homogeneidade cultural” (Pfeiffer; Butz, 2005, p. 241, tradução nossa).

## Características gerais em comum nas pesquisas sobre conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais das mulheres

Em pesquisas realizadas em diferentes países, abrangendo todos os continentes do planeta, foi possível encontrar críticas similares como: a não valorização do conhecimento das mulheres, relacionado à produção voltada para a subsistência (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Kothari, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Wilson, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Greenberg, 2003; Turner, 2003; Song; Jiggins, 2003; Vorster et al., 2008); a não valorização dos cultivos que são direcionados para a subsistência, compreendidos como de fácil acesso ou sinônimo de pobreza (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Ertug, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Vorster et al., 2008). Em relação a esse ponto, pesquisas no Brasil também identificaram a desvalorização da produção para a subsistência realizada pelas mulheres (Pacheco, 1997; Roces; Montiel, 2010; Andersson et al., 2017; Ramos, 2017; Brumer, 2004; Heredia; Cintrão, 2006; Maia, 2004; Cunha; Brandão, 2017; Nobre, 1998; Siliprandi, 2015).

Por outro lado, observa-se a valorização dos conhecimentos que podem ser “comercializados”, seja porque os cultivos resultantes desses conhecimentos são voltados para a venda, seja porque esses conhecimentos podem contribuir no desenvolvimento da indústria farmacêutica, na produção e venda de novos medicamentos (Pieroni, 2003; Price, 2003; Ertug, 2003; Malaza, 2003; Vorster *et al.*, 2008). E, em geral, os cultivos que têm como foco principal a venda são produzidos pelos homens. Nesse sentido, os estudos denunciam a escassez de pesquisas sobre os conhecimentos ecológicos tradicionais das mulheres (Pieroni, 2003; Price, 2003; Kothari, 2003; Ertug, 2003; Wooten, 2003; Greenberg, 2003; Turner, 2003; Song; Jiggins, 2003).

Dentro das pesquisas da etnobiologia, autoras(es) afirmam que essas, em sua maioria, estão focadas em elaborar listas de plantas, sem se preocupar com as dinâmicas sociais, culturais e de gênero (Pieroni, 2003; Price, 2003; Kothari, 2003). O mesmo podendo ser identificado em pesquisas no Brasil (Souza; Scudeller, 2011; Pereira et al., 2017; Florentino et al., 2007; Carvalho et al., 2013; Amaral; Neto, 2008; Albuquerque et al., 2005, dentre outras).

Os estudos científicos, embora escassos, que tiveram a preocupação em superar essa lacuna, trazem informações das dinâmicas e relações de gênero até então ocultadas. A partir desses dados, podemos ter uma melhor compreensão da relação entre a construção de conhecimentos pelas mulheres, a produção e conservação da biodiversidade e as causas que têm levado à deterioração desses conhecimentos e, em consequência, à diminuição da produção e conservação da agrobiodiversidade, das diferentes culturas e de sua soberania e segurança alimentar. Além disso, algumas autoras se dedicaram a pensar em meios para superar essa cegueira da ciência em relação aos estudos sobre conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais das mulheres.

A maioria dos estudos é enfática em afirmar que mulheres e homens se relacionam de forma diferente com a natureza, devido às relações de gênero

estabelecidas conforme cada organização social de cada cultura, baseadas nas normas, cosmologias locais (Goebel, 2003; Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Wilson, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Turner, 2003; Song; Jiggins, 2003; Vorster et al., 2008; Hatfield; Hong, 2019; Woortmann; Woortmann<sup>2</sup>, 1997).

Cada cultura irá definir os deveres e direitos de cada gênero e, com isso, que elementos da natureza cada gênero poderá acessar: coletar, cultivar, colher, processar etc. As pesquisas revelaram que as mulheres têm muitos conhecimentos sobre plantas, manejam uma biodiversidade maior que os homens, possuem um conhecimento profundo sobre o meio ambiente em que vivem e trabalham. Sendo assim, são atrizes-chave na gestão e conservação ambiental (Pieroni, 2003; Goebel, 2003; Kothari, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Wilson, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Greenberg, 2003; Turner, 2003; Song; Jiggins, 2003; Vorster et al., 2008; Hatfield; Hong, 2019; Carney, 1998; Howard, 2006; Howard-Borja; Cuijpers, 2013).

Algumas pesquisas também informaram que são as mulheres, sobretudo as idosas, as que têm mantido as culturas locais (Pieroni, 2003; Ertug, 2003; Greenberg, 2003; Vorster et al., 2008; Hatfield; Hong, 2019; Hoffmann, 2003; Song; Jiggins, 2003). Em diferentes culturas as relações sociais entre mulheres são fortalecidas pela formação de redes, com o costume de realização de doações e trocas, seja de alimentos, sementes, mão de obra e conhecimentos (Pieroni, 2003; Price, 2003; Ertug, 2003; Hoffmann, 2003; Howard, 2006.). Em alguns casos, as mulheres são curandeiras e/ou responsáveis por práticas religiosas (Pieroni, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Malaza, 2003). Em outros, os curandeiros reconhecidos são apenas os homens (devido à tradição patriarcal da cultura), mas as mulheres desempenham um papel crucial no sistema de saúde tradicional, fazendo preparações medicinais a partir de plantas (Danigellis, 2003; Goebel, 2003; Kothari, 2003).

Algumas pesquisas enfatizaram como os conhecimentos das mulheres se desenvolvem, sobretudo, a partir da observação e prática (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Ertug, 2003; Hoffmann, 2003; Greenberg, 2003; Turner, 2003; Hatfield; Hong, 2019). Os estudos revelaram o papel predominante das mulheres na coleta de plantas silvestres (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Goebel, 2003; Turner, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003.), no cultivo e cuidado dos quintais produtivos (Ertug, 2003; Greenberg, 2003; Wilson, 2003; Wooten, 2003; Hoffmann, 2003; Howard, 2006), nas práticas de herbalismo e cura (Kothari, 2003; Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Danigellis, 2003) e na domesticação de

---

<sup>2</sup> A pesquisa de Woortmann e Woortmann (1997), não adentra nas investigações sobre os conhecimentos ecológicos tradicionais das mulheres, mas traz contribuições significativas para compreender as relações de gênero dos sítiantes de Sergipe, Brasil; deixando bem claro como a divisão sexual do trabalho estava vinculada a uma forma de organizar a vida e compreender a organização do cosmos (cosmologia). Além disso, a pesquisa identifica os espaços e trabalhos das mulheres, assim como, evidencia como os mesmos são invisibilizados e desvalorizados pela cultura patriarcal dominante. Mas, infelizmente, os autores acabaram reproduzindo a visão patriarcal em suas investigações ao pesquisarem de forma minuciosa apenas o espaço que é considerado de domínio masculino.

plantas e reprodução de sementes (Sillitoe, 2003; Hoffmann, 2003; Song; Jiggins, 2003, Ertug, 2003; Pieroni, 2003; Price, 2003). E, também, como as mulheres apresentam conhecimentos detalhados sobre técnicas para preservar e armazenar os alimentos (Ertug, 2003; Dick-Bissonnette, 2003; Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Turner, 2003). Em algumas culturas, elas são as principais ou únicas responsáveis pela produção agrícola (Sillitoe, 2003; Hoffmann, 2003; Song; Jiggins, 2003). Há casos em que as mulheres possuem conhecimentos secretos, os quais são compartilhados e desenvolvidos apenas dentro da linhagem de mulheres (Dick-Bissonnette, 2003; Malaza, 2003; Turner, 2003).

Em alguns casos, as mulheres vendem os produtos que cultivam e decidem como gastar esse dinheiro. A renda gerada por elas é, em geral, investida em gastos cotidianos com a casa, filhos, subsistência<sup>3</sup>. Pesquisas no Brasil têm visibilizado esse fenômeno, o que impulsionou a criação do projeto de Cadernetas Agroecológicas (Lopes Neto et al., 2015), que busca evidenciar a produção e renda geradas pelo trabalho das mulheres do campo. Essas vendas das mulheres são feitas através de circuitos curtos, locais, feiras, vizinhança etc. Diferente da venda dos homens, que tende a se integrar a um mercado mais amplo (Ertug, 2003; Wooten, 2003; Greenberg, 2003; Howard, 2006).

As pesquisas também abordaram como a modernização e o avanço do capitalismo, ao adentrarem nos territórios dessas diferentes comunidades tradicionais, têm afetado de forma diferenciada e mais intensa a vida das mulheres. As culturas tradicionais vêm sendo substituídas por culturas comerciais (Pieroni, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Vorster et al., 2008; Howard, 2006; Price, 2003); nesse processo os homens avançam sobre as terras tradicionalmente concedidas às mulheres que cultivam, sobretudo, produtos para a subsistência das famílias. Com isso, a diversidade produtiva diminui, assim como, os conhecimentos associados à produção da agrobiodiversidade e culturas locais, impactando na soberania e segurança alimentar das famílias.

No distrito de Meru, no Quênia, a horticultura, que era o domínio “tradicional” das mulheres, foi rapidamente intensificada e comercializada (Dolan 1998). A propriedade hortícola das mulheres, convencionalmente confinada a parcelas ou jardins muito pequenos, era usada para produzir vegetais locais para consumo doméstico e venda nos mercados locais. À medida que a produção francesa de feijão para exportação se torna cada vez mais lucrativa, os homens usurpam parte da terra de usufruto das mulheres para cultivar a nova safra exótica (Howard, 2003, p. 25, tradução nossa).

Somado a isso, quando os homens avançam sobre os espaços e práticas tradicionais das mulheres (por ex.: quintais produtivos, horticultura), conforme ilustra

---

<sup>3</sup> Isso faz com que a renda obtida pelas mulheres não seja visibilizada, como exemplifica Wilson (2003, p. 223): “Assim, à medida que os vegetais crescem invisivelmente sobre os telhados e as paredes, desaparecem na panela e são trocados entre vizinhos e parentes, também o dinheiro que as mulheres geram desaparece no orçamento de alimentos da família. Os produtos de horticultura das mulheres não são reconhecidos como um ativo e, portanto, não têm impacto no status das mulheres”.

o estudo de caso de Wooten (2003), em Mali, as sementes começam a ser importadas e inicia-se o uso de fertilizantes sintéticos e agrotóxicos.

Quaisquer que sejam os detalhes históricos exatos, é claro que hoje as mulheres são amplamente excluídas dos espaços de quintais da comunidade. Para estabelecer seus empreendimentos comerciais, os homens se apropriaram do espaço físico das planícies e do próprio nicho de produção dos quintais produtivos. No processo, as mulheres de Niamakoroni perderam terreno importante. O movimento dos homens no domínio da jardinagem foi facilitado por desigualdades mais amplas nas relações locais de produção de gênero (Wooten, 2003, p. 236, tradução nossa).

Esse estudo é um exemplo de processos que, ao retirar o acesso das mulheres aos bens naturais (terra, plantas etc.), retira, aos poucos, também os conhecimentos sobre esses bens (Wooten, 2003) e, posteriormente, a própria existência dos mesmos (a diversidade genética, anteriormente, manejada e promovida pelo trabalho coevolutivo com a natureza, exercido pelas mulheres). Impactando não só a vida das mulheres, mas a segurança alimentar das comunidades como um todo e a conservação e promoção da diversidade biológica e cultural.

Há também o processo de migração das(os) jovens, em busca de trabalhos assalariados, e influenciados(as) pelos sistemas formais de educação que desvalorizam os conhecimentos tradicionais (Pieroni, 2003; Price, 2003; Kothari, 2003; Ertug, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Greenberg, 2003; Song; Jiggins, 2003; Vorster et al., 2008; Hatfield; Hong, 2019; Howard, 2006) e associam o trabalho e conhecimento das mulheres (que, como foi dito, são as principais mantenedoras da cultura) com pobreza e atraso<sup>4</sup> (Howard, 2006).

A migração dos homens também afeta negativamente a vida das mulheres, gerando o fenômeno da feminização do campo<sup>5</sup> (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Kothari, 2003; Ertug, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Song; Jiggins, 2003; Vorster et al., 2008). Os homens migram em busca de trabalho assalariado e deixam todo o trabalho do campo, crianças e casa, para as mulheres. Essa sobrecarga de trabalho faz com que as mulheres não tenham condições de cultivar a mesma quantidade de diversidade que antes. No Brasil, diversos estudos indicam o fenômeno contrário, o da masculinização do campo<sup>6</sup> (Costa et al., 2013; Costa et al., 2015; Costa; Froehlich, 2014; Camarano; Abramovay, 1999; Anjos; Caldas, 2005; Froehlich et al., 2011), como

4 As mulheres suazi relataram que os homens zombam de suas culturas, ao questionarem se alguém já tinha visto um celeiro cheio de feijão de corda/caupi (*Vigna unguiculata*). Malaza (2003) compreende que ter um celeiro repleto de milho híbrido não é apenas um sinal de renda para os homens, mas de *status* e poder. Contudo, conforme as mulheres locais contam, antes da introdução das culturas comerciais, os homens valorizavam os cultivos das mulheres e as terras eram divididas de forma mais equitativa.

5 Em 1998, mais de 85% da força de trabalho nas províncias chinesas de Guangxi, Yuman e Guizhou, era de composta por mulheres (Song & Jiggins, 2003).

6 Há também processos feminização do campo no Brasil, como foi apontado por Maia (2004). Todavia, esses não tem sido tão estudados (identificados) como os de masculinização.

também apontam diversos estudos de caso (Ramos, 2017; Brumer, 2004; Cunha; Brandão, 2017). Contudo, igualmente influenciado pelo avanço da modernização no campo e das relações opressivas de gênero, impactando de forma nociva, a agricultura camponesa e familiar.

Dentro das comunidades começa a ocorrer um processo de rejeição das raízes culturais (Pieroni, 2003; Malaza, 2003; Hoffmann, 2003; Song; Jiggins, 2003), o que tem gerado a desvalorização e substituição da culinária tradicional pela dominante. Os espaços produtivos das mulheres, assim como os conhecimentos associados a eles, perdem seu prestígio quando as pessoas começam a rejeitar as variedades locais em favor das variedades importadas. E isso impacta diretamente no status das mulheres (Pieroni, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Vorster et al., 2008; Howard, 2006).

Outro ponto é que, como foi mencionado, as mulheres são as principais responsáveis pelas coletas, com isso, o espaço selvagem (áreas comunais) é importante para elas como fonte de alimentos/nutrição, plantas medicinais, religiosas etc. A diminuição dos espaços de coleta, devido à devastação ambiental, de florestas, utilização de agrotóxicos, privatização, afeta mais a vida das mulheres (Pieroni, 2003; Danigellis, 2003; Price, 2003; Ertug, 2003; Turner, 2003; Hatfield; Hong, 2019; Dick-Bissonnette, 2003; Wooten, 2003; Malaza, 2003; Greenberg, 2003).

Esses estudos revelam a extrema importância dos conhecimentos e práticas das mulheres para a qualidade de vida, segurança e soberania alimentar das comunidades e manutenção das identidades culturais, assim como, para a conservação da biodiversidade. As mulheres criam microclimas em seus espaços produtivos para propiciar maior diversidade produtiva, possuem diferentes conhecimentos de consórcios entre cultivos<sup>7</sup> e selecionam variedades de sementes mais adaptadas a seus ambientes, tornando-as mais resistentes às intempéries climáticas, assim como, fornecendo mais nutrientes para as pessoas (Howard, 2006; Vorster et al., 2008). Sendo assim, o fato delas serem as mais afetadas pelo avanço da modernização não é um problema só das mulheres, é um problema da sociedade como um todo. A invisibilização das dinâmicas de gênero dentro das diferentes comunidades tradicionais é um empecilho para que possamos compreender, de fato, as causas e possíveis alternativas para os problemas da erosão da biodiversidade, da erosão dos conhecimentos e práticas associados a ela, assim como, da perda da segurança e soberania alimentar dos povos.

---

<sup>7</sup> “O conhecimento sobre as interações das culturas otimiza a produtividade e o uso da terra. A abóbora e o feijão-caupi (*Vigna unguiculata*) eram frequentemente consorciados com o milho, portanto, as práticas de produção estavam ligadas às práticas de produção e manejo do milho” (Vorster et al., 2008, p. 91, tradução nossa). No meio desse consórcio, os vegetais folhosos tradicionais herbáceos crescem e são aproveitados para a alimentação (ex.: *Portulaca oleracea*/beldroega, *Bidens pilosa*/picão preto, *Corchorus* (gênero botânico do caruru), *Solanum nigrum*/erva moura) (Vorster et al., 2008).

## Os conhecimentos ecológicos tradicionais das mulheres e a cegueira da ciência

Tendo em vista a necessidade da inserção da discussão das relações de gênero nas pesquisas acerca da construção dos conhecimentos e práticas dos diferentes povos tradicionais, algumas autoras começaram a evidenciar elementos que deveriam ser considerados nessas pesquisas (Howard, 2003; Howard-Borja; Cuijpers, 2013; Pfeiffer; Butz, 2005; Padmanabhan, 2011). A partir desses estudos, destacaremos alguns pontos a serem visibilizados, em investigações futuras, sobre conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais, para que não sejam cegas às relações de gênero.

Howard (2003) aponta a escassez de pesquisas acerca dos conhecimentos etnobotânicos especializados e sua relação com as práticas pós-colheitas (culinária, processamento e armazenamento), a forma como esses conhecimentos são transmitidos, como essas práticas mudam e afetam não só a biodiversidade, mas a segurança alimentar das famílias e status das mulheres. Além disso, as pesquisas sobre seleção e conservação de variedades de plantas não consideram os conhecimentos e critérios utilizados pelas mulheres na seleção das espécies (Howard, 2003). A cozinha, por exemplo, é o espaço mais invisibilizado nessas pesquisas. Contudo, investigações indicam que a maior parte das plantas cultivadas e utilizadas, pelos seres humanos, é para fins medicinais, culinários ou nutricionais. Ou seja, são cultivos realizados a partir de critérios que estão baseados em valores construídos nos espaços domésticos, sobretudo, da cozinha (Howard-Borja; Cuijpers, 2013).

Além das características dos cultivos relacionadas ao seu preparo (tempo de cozimento, sabor, textura etc.), é preciso levar em consideração o processamento, conservação e armazenamento dos mesmos. Por exemplo, em pesquisa realizada na Turquia, Ertug (2003) identificou diversos conhecimentos para conservar e armazenar plantas silvestres coletadas.

As mulheres desenvolveram técnicas para armazenar alimentos secando, salgando e decapando. Por exemplo, frutas como *Celtis tournefortii* [espécie de árvore frutífera] e *Prunus spinosa* spp. *dasyphylla* [abrunheiro] e verduras silvestres como *Polygonum cognatum* [um tipo de erva perene rasteira] são secas para consumo no inverno. As mulheres também sabem como desintoxicar as plantas. Bolotas frescas são armazenadas em poços cobertos de terra e, quando o teor de tanino é lavado pelas chuvas, fica mais doce (Ertug, 2003, p. 188, tradução nossa).

No momento de selecionar uma espécie, diversas características são observadas pelas mulheres: facilidade no descasque, dureza das raízes, sabor, textura, toxicidade, tempo de maturação, resistência à decomposição, produtividade em diferentes tipos de solo, resistência a pragas ou condições climáticas extremas etc. A seleção das espécies envolve também valores: nutricional, emocional, ritual, espiritual e medicinal. Levam

em consideração as qualidades culinárias, crenças e benefícios para a saúde, assim como, as preocupações com o armazenamento e processamento nos processos pós-colheita (Howard, 2003).

Tendo isso em vista, destaca-se os diferentes critérios utilizados pelas mulheres na seleção das espécies. Howard-Borja e Cuijpers (2013) recordam que as formas promovidas, pela ciência e governos, de melhoramento de sementes, desenvolvidas em laboratórios e estações de pesquisa, cujo critério de seleção é, sobretudo, o rendimento das variedades, revelou-se como uma abordagem inferior. Pois, as(os) agricultoras(es) possuem outros e diversos critérios de seleção e cada estabelecimento rural (agroecossistema) apresenta diferentes características agroecológicas que diferem das estações experimentais. Mas, com o avanço da modernização do campo, os critérios dos homens também estão sendo reduzidos a aspectos comerciais. A pesquisa de Malaza (2003), na Suazilândia, revelou que o critério masculino para definir que alimento será cultivado é apenas o preço no mercado. As mulheres levam em consideração: as necessidades alimentares da família, qualidades culinárias dos cultivos, conveniência, disponibilidade de mão de obra e terra para a sua produção.

Contudo, essa rede complexa de processos e conhecimentos das mulheres não tem sido investigada. Segundo as autoras, as diferentes técnicas de armazenamento, conservação e processamento de alimentos requerem um conhecimento profundo das características das plantas e dos fatores ambientais que influenciam no desenvolvimento das mesmas. “A preservação do conhecimento e das habilidades das mulheres nas tarefas pós-colheita é tão vital para a conservação dos recursos genéticos vegetais, quanto a preservação das culturas *in situ*, pois, sem isso, essas plantas não são mais úteis para as pessoas” (Howard-Borja; Cuijpers, 2013, p. 9, tradução nossa).

Em várias culturas as mulheres detêm conhecimentos de como armazenar sementes. É costume as mulheres preservarem sementes mesmo que não tenham a intenção de cultivá-las em um período próximo, pois é uma forma de garantir que quando queiram cultivar, essas variedades estejam disponíveis, assim como, para contribuir no intercâmbio de sementes entre famílias e aldeias. A troca de sementes propicia a manutenção da diversidade genética das espécies e, em geral, isto é responsabilidade das mulheres. O gerenciamento das sementes pelas mulheres envolve uma ampla rede de sistemas de trocas, doações, obrigações de parentesco ou, até mesmo, trocas mercantis das variedades. Ou seja, o gerenciamento das sementes pelas mulheres envolve diversos vínculos sociais nos quais a troca de sementes é um elo para diversas outras trocas: de conhecimento, afetividade etc. (Howard-Borja; Cuijpers, 2013). Pfeiffer e Butz (2005) apontam que os modos de transmissão de conhecimento e as redes sociais são específicas e diferenciadas por gênero.

A prática da coleta de plantas silvestres é um trabalho majoritariamente feminino. As mulheres desenvolveram práticas e conhecimentos que, ao fazerem a coleta dessas plantas, em seus ambientes naturais, contribuem para o contínuo desenvolvimento das espécies em seus espaços de origem. Como exemplifica o estudo de Turner (2003, p. 144, tradução nossa): “(...) se as bagas parecessem pequenas e a paisagem estivesse ficando muito espessa, isso seria notado pelas coletoras e sinalizaria

a necessidade de limpar ou queimar a área para manter o habitat e aumentar o ciclo de nutrientes”. A autora afirma que pesquisas arqueológicas indicam vastas áreas que eram manejadas pelos povos indígenas, há milhares de anos. Essas áreas são hoje as mais ricas e produtivas para colheitas. No momento da colheita as mulheres também dispersam sementes, aram o solo, realizam podas nas plantas etc. (Turner, 2003). Muitas vezes, as mulheres levam para os seus quintais produtivos essas espécies, domesticando-as (Howard-Borja; Cuijpers 2013; Price, 2003).

As autoras apontaram que as pesquisas também ignoram a inter-relação entre trabalho das mulheres, quintais produtivos (home Gardens) e promoção e conservação da biodiversidade. Por outro lado, conforme informam Howard-Borja e Cuijpers (2013), “é universalmente aceito que os processos de domesticação de plantas ocorrem pela primeira vez através de jardins localizados perto dos acampamentos de caçadores e coletores” (Idem, p. 12). Os quintais produtivos, como diversas pesquisas apontam (no âmbito internacional: Oakley, 2004; Tsegaye, 1997; Ali, 2005; Souza; Scudeller, 2011; Kumar; Nair, 2004; Galhena et al., 2013; Kimber, 2004. No Brasil: Pacheco, 1997; Roces; Montiel, 2010; Ramos, 2017; Heredia; Cintrão, 2006; Cunha; Brandão, 2017) são majoritariamente gerenciados pelas mulheres, que detêm os conhecimentos e habilidades para o seu manejo. Esses são como laboratórios para o melhoramento de variedades de plantas, nos quais são realizados experimentos e testadas diferentes técnicas de manejo, antes dessas variedades serem cultivadas em maior escala em espaços maiores. Pois, como estão próximos à casa, é mais fácil observar o desenvolvimento das plantas, assim como, cuidar das mesmas. Por fim, em relação aos quintais, as autoras ressaltam como as relações de gênero impactam na continuidade de seu desenvolvimento. Pois, como foi visto, à medida que a produção agrícola dos homens cresce, estes podem requerer as terras utilizadas pelas mulheres, para expandir sua produção (Howard-Borja; Cuijpers, 2013).

Howard-Borja e Cuijpers (2013) afirmam que as pesquisas etnobotânicas sobre plantas medicinais apresentam uma amostra limitada de informantes (na maioria homens) e desconsideram o papel das mulheres na cura doméstica e na fitoterapia (domínios não ritualísticos de cura, já que os ritualísticos, em sua maioria, são praticados por homens).

Ademais, o importante estudo de Carney (1998) com as mulheres rurais na Gâmbia, revelou conhecimentos profundos das mulheres sobre seus ambientes. As mulheres Mandika, grupo étnico predominante no país, diferenciam e caracterizam cinco microambientes agrícolas de áreas úmidas para o cultivo de arroz (cultivo tradicionalmente feminino). Esses microambientes são diferenciados pela fonte e disponibilidade de água, por propriedades edáficas associadas a regimes hidrológicos específicos.

Tendo isso em vista, a seguir apresentamos uma síntese com alguns pontos a serem levados em consideração no momento da construção das pesquisas sobre conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais das mulheres: visibilizar a casa, as plantas cultivadas são para fins medicinais, culinários, nutricionais; critérios das mulheres na seleção de espécies; técnicas de processamento e armazenamento dos

alimentos; como o acesso às sementes está vinculado às redes de sociabilidade das mulheres; modos de construção e compartilhamento de conhecimentos e as redes sociais diferenciadas por gênero; técnicas de domesticação e melhoramento de espécies; como, na coleta de plantas em seus ambientes naturais, as mulheres contribuem para o contínuo desenvolvimento dessas espécies em seus locais de origem; quintais produtivos como espaços promotores da biodiversidade e de domesticação/melhoramento de espécies (compreender os conhecimentos que estão por detrás da construção desses quintais biodiversos, estratificados etc.); conhecimentos etnobotânicos de plantas medicinais; diferentes consórcios realizados pelas mulheres e seus benefícios para o sistema agrícola; conhecimentos sobre os diferentes tipos de solo (critérios utilizados para diferenciar os solos e relação dinâmica entre tipos de solos e tipos de cultivos); compreender como a modernização, vinculada às relações de gênero, impacta a vida e trabalho das mulheres do campo.

Pfeiffer e Butz (2005) apontam algumas dimensões nas quais os conhecimentos entre homens e mulheres são construídos de formas diferenciadas, a partir das determinações (normas) dos papéis culturais por gênero, em cada cultura (baseadas nos tabus espirituais, crenças, cosmologias etc.). A partir dos valores e normas culturais, os elementos da natureza serão acessados e manejados de forma diferenciada por mulheres e homens, logo, gerando conhecimentos e habilidades distintas. As autoras elencam algumas variáveis na construção desses conhecimentos: variação espacial (homens e mulheres acessam e manejam espaços diferentes); variação temporal (homens e mulheres acessam o mesmo espaço mas em tempos diferentes, o que leva à familiaridade com componentes sazonais diferentes, dos ciclos das plantas e dos animais, interações entre espécies etc.); variação funcional (homens e mulheres podem acessar o mesmo espaço, no mesmo período, mas com funções e trabalhos distintos); variação em relação à frequência do contato (homens podem acessar, por exemplo, espaço mais amplos, mas por passarem menos tempo nesses espaços desenvolvem conhecimentos menores sobre os mesmos; as mulheres podem acessar espaços menores, mas por períodos mais prolongados, gerando conhecimento mais aprofundado sobre os mesmos).

Outro ponto importante dentro da discussão sobre as normas de cada cultura, diz respeito à inter-relação entre essa e a cultura externa. Nas formas em que o contato entre essas diferentes culturas gera desequilíbrios internos nas culturas locais e podem impactar na vida das mulheres, na conservação da biodiversidade, cultura e segurança alimentar. Por exemplo, as discussões acerca dos direitos sobre as sementes, em geral, desconhecem que na maioria das culturas, nas quais variedades de sementes são desenvolvidas, existem sistemas preexistentes de direitos sobre esses cultivos que regulam o acesso e controle sobre seus usos, trocas e conhecimentos. Desconhecer o modo de funcionamento dessas culturas pode fazer com que políticas públicas, projetos, legislações, retirem os direitos ancestralmente concedidos às mulheres.

A introdução de sistemas de posse da terra europeus, nos sistemas na África e na Ásia geralmente resultaram na usurpação dos

direitos consuetudinários das mulheres e na sua transferência para os homens. De fato, os sistemas de direitos podem mudar sem qualquer tentativa consciente de fazê-lo. Por exemplo, nos Andes peruanos, embora tradicionalmente as mulheres tenham direitos exclusivos às sementes de batata, quando são introduzidas variedades modernas, os homens recebem e gerenciam as novas variedades, enquanto as mulheres continuam a administrar as variedades tradicionais. O que não está claro é se isso levará à erosão do controle das mulheres sobre as variedades tradicionais, mas essa é uma possibilidade, dado que o controle das mulheres está enraizado em normas culturais que estão sendo desafiadas. Se o controle das mulheres sobre as variedades tradicionais diminui e elas são os principais repositórios de conhecimento, é provável que esse conhecimento se perca absolutamente (Howard-Borja; Cuijpers, 2013, p. 25, tradução nossa).

Na maioria das publicações sobre uso e conservação da biodiversidade, não há questionamentos de quais são as motivações, as necessidades, os direitos das principais responsáveis pela promoção da agrobiodiversidade. Assim como, não há reflexões de como essas motivações, necessidades e direitos, se transformam com as mudanças econômicas, culturais e políticas e como isso impacta na vida das mulheres (Howard-Borja; Cuijpers, 2013).

Se as mulheres são as principais promotoras da biodiversidade de plantas do mundo, é preciso levantar questões sobre como elas são afetadas por processos que levam à erosão genética, como a difusão de variedades modernas, expansão do mercado, diminuição do acesso à terra e mudança nos padrões de consumo (Howard-Borja; Cuijpers, 2013, p. 4, tradução nossa).

Howard-Borja e Cuijpers (2013) identificaram que há um processo acelerado de erosão dos conhecimentos das mulheres do campo e de sua capacidade em conservar a biodiversidade e apontaram algumas das principais causas: diminuição e destruição das florestas e de outros ecossistemas naturais dos quais as mulheres dependem; introdução de culturas comerciais e variedades de sementes modernas que substituem as tradicionais; emigração dos homens do campo, sobrecarregando o trabalho das mulheres que permanecem; erosão dos direitos das mulheres à terra; depreciação de suas dietas, formas de produzir e conhecimentos tradicionais, por parte das autoridades políticas e pesquisadores; incapacidade dos(as) cientistas e autoridades políticas em reconhecer os conhecimentos e direitos das mulheres relacionados aos recursos genéticos vegetais.

Retomando a discussão acerca das epistemologias feministas, as autoras identificaram preconceitos de gênero nas pesquisas revisadas por elas. Há uma tendência dentre os(as) cientistas de considerar o comportamento e predominância

dos homens como sendo o padrão. Os homens são os xamãs, líderes, agricultores etc., já as mulheres recebem pouca ou nenhuma atenção, tendo em vista que os homens já representariam o padrão da comunidade (Howard-Borja; Cuijpers, 2013). Sendo assim, as autoras alertam:

O viés de gênero afeta as perguntas formuladas, os métodos utilizados e os resultados da pesquisa. As repercussões vão muito além da simples criação de conhecimento científico tendencioso: elas se estendem a práticas, políticas e intervenções relacionadas que visam alterar as interações entre pessoas e entre pessoas e seus ambientes e podem distorcer os resultados de maneiras imprevisíveis e nem sempre desejável (Howard-Borja; Cuijpers, 2013, p. 5, tradução nossa).

Tendo isso em vista, Howard-Borja e Cuijpers (2013) apontam 3 erros nas pesquisas científicas sobre biodiversidade que não incluem a participação das mulheres. O primeiro é o erro de omissão, quando os(as) pesquisadores(as) assumem que os homens são os representantes do conhecimento coletivo (ou mesmo, apresentam um conhecimento superior) e omitem os conhecimentos e experiências desenvolvidos pelas mulheres. Sendo assim, variedades as quais apenas as mulheres sabem identificar serão omitidas e a diversidade biológica será subestimada. Nesse sentido, temos a objetividade “fraca” da qual nos falamos as epistemologias feministas (Harding, 2007; Schiebinger, 2001; Jackson, 2006).

O segundo é o erro da falta de confiabilidade nos resultados obtidos, pois diversos estudos revelam que as mulheres são as mais capacitadas para identificar as características, manejo e usos de plantas, sobretudo, aquelas que estão sob sua responsabilidade de cultivo. Basear-se apenas nas informações masculinas sobre essas plantas que estão sob cuidados femininos é um risco de obter informações incorretas. “Por exemplo, a maioria das publicações etnobotânicas sobre os problemas de saúde das mulheres foi escrita por homens estrangeiros que entrevistaram homens nativos que, por sua vez, relatam em nome de mulheres nativas” (Howard-Borja; Cuijpers, 2013, p. 26, tradução nossa). Por fim, o terceiro erro é o de interpretação, que leva à incompreensão da relação entre plantas e pessoas.

Na maioria das vezes, não tem como saber se esses erros ocorreram, pois as pesquisas não informam o gênero dos sujeitos pesquisados e, quando o fazem, não separam os dados encontrados por gênero. Cientistas que “tentaram desenvolver estruturas conceituais para avaliar quais fatores contribuem para a conservação *in situ* dos recursos genéticos vegetais (...) deixaram de considerar as relações de gênero como potencialmente significativas” (Howard-Borja. Cuijpers, 2013, p. 29, tradução nossa). Sendo assim, as autoras denunciam essa séria lacuna nas pesquisas acerca da biodiversidade, gerando erros que não só limitam os resultados, mas os comprometem como um todo.

Pfeiffer e Butz (2005, p. 264, tradução nossa) concluem que: “A falta de consciência de gênero na metodologia de pesquisa resulta em um projeto de pesquisa tendencioso, análise desequilibrada e conclusões potencialmente errôneas, que por sua vez afetam as implicações teóricas e empíricas dos estudos”.

No sudoeste americano, a grande variedade de plantas comestíveis coletadas principalmente por mulheres foi tão subnotificada pelos primeiros etnógrafos que muitas espécies coletadas por mulheres permanecem sem registro ou mencionadas brevemente como “ervas daninhas” (Bean e Lawton 1993). Essas lacunas em nossa base de conhecimento têm um impacto na pesquisa atual: a falta de dados específicos, sobre exatamente quais taxa de grama nativa foram cultivadas por mulheres nativas americanas, frustra os esforços dos atuais pesquisadores para analisar possíveis influências antropogênicas na diversidade de grama nativa (Pfeiffer; Butz, 2005, p. 259, tradução nossa).

Outro exemplo, dos impactos da cegueira patriarcal nas ciências e políticas públicas, é trazido por Malaza (2003), em sua pesquisa na Suazilândia. Na seca ocorrida em 1992, a produção de alimentos dos suazis foi fortemente afetada, pois as culturas tradicionais haviam sido abandonadas, assim como, o uso de plantas silvestres (os cultivos nativos são adaptados localmente, são mais resistentes às intempéries climáticas, o mesmo não ocorre com os cultivos exóticos). As políticas governamentais contribuíram para esse cenário de perda da agrobiodiversidade ao não reconhecerem as mulheres como agricultoras (sendo vistas apenas como ajudantes), assim como, as pesquisas científicas, ao ignorarem os trabalhos e conhecimentos das mulheres. Nesse sentido, as pesquisas e o fornecimento de sementes focaram-se apenas nas sementes híbridas e desconsideraram as culturas nativas, manejadas pelas mulheres (Malaza, 2003).

Buscando superar essa lacuna nas pesquisas e políticas públicas, Pfeiffer e Butz (2005) indicam alguns elementos a serem levados em consideração no momento da construção dos projetos de pesquisas, para que eles não sejam cegos às relações de gênero: composição de equipe equilibrada em relação ao gênero dos integrantes (na maioria das culturas, devido à cultura patriarcal, o acesso de pesquisadores homens às mulheres locais é proibido ou muito dificultado. E, mesmo que os homens consigam ter acesso às mulheres para realizar as entrevistas, as respostas podem ser limitadas, pelo fato da mulher se sentir constrangida com a presença de um homem estranho; incluir mulheres como informantes das pesquisas (quebrar a crença de que os homens são os informantes chave que podem responder sobre sua cultura em geral); a escolha dos tópicos de estudo também devem refletir sobre as diferenças de gênero (há uma multiplicidade de variáveis que são diferenciadas por gênero nas realidades das comunidades tradicionais); as técnicas de coleta de dados precisam levar em consideração a realidade social e econômica das mulheres de cada cultura (em muitas

sociedades as mulheres relutam em interagir com pesquisadores em locais públicos ou com pessoas de fora que são vistas como pertencentes a uma classe social mais poderosa. As mulheres têm sobrecarga de trabalho, lhes sobrando pouco ou nenhum tempo para conceder entrevistas. É preciso pensar em diferentes estratégias para que seja possível dialogar com essas mulheres, por ex.: realizar a entrevista e pesquisa ao mesmo tempo em que auxilia as mulheres em alguma de suas tarefas).

## Considerações Finais

Com este trabalho buscamos apresentar alguns elementos teóricos e metodológicos identificados em pesquisas internacionais sobre os conhecimentos agrícolas ecológicos tradicionais das mulheres que podem nos auxiliar em investigações futuras no Brasil.

Homens e mulheres se relacionam de forma diferenciada com o meio ambiente, devido à divisão sexual do trabalho, logo, desenvolvem habilidades e saberes distintos. Sendo assim, evidencia-se a necessidade de analisar separadamente essas práticas e conhecimentos. Os conhecimentos das mulheres, como demonstraram as pesquisas, estão vinculados aos espaços e valores domésticos, como os trabalhos na cozinha (aspectos culinários, processamento e armazenamento de alimentos, aspectos nutricionais, culturais etc.) e de cuidados da família em geral (saúde). As práticas e objetivos do que ocorre no espaço doméstico informam como devem ser as práticas agrícolas tradicionais das mulheres: os critérios no momento de selecionar, melhorar sementes e mudas etc. Além disso, a escolha das espécies também envolve critérios vinculados ao agroecossistema local: espécies resistentes a ataques de doenças e insetos (antes e depois da colheita), adaptabilidade às condições climáticas e edáficas locais etc. Outra informação relevante que esses trabalhos trouxeram é a importância das redes de sociabilidades das mulheres para a troca de sementes e conhecimentos entre elas, revelando um processo dinâmico e contínuo de construção de conhecimentos coletivo das mulheres.

Este trabalho discutiu como o avanço da modernização no campo tem afetado de forma diferenciada e mais intensa a vida das mulheres e como o desconhecimento das relações de gênero, dos sistemas de práticas e saberes das mulheres, têm impossibilitado meios para evitar a erosão dos conhecimentos e práticas das mesmas. Tendo isso em vista, buscamos apontar elementos a serem levados em consideração no momento da elaboração de um projeto de pesquisa, que inclua as relações e diferenciações de gênero. Dependendo do viés metodológico e teórico, no momento da construção e execução de nossas pesquisas, podemos contribuir para o aceleramento da erosão dos conhecimentos tradicionais das mulheres e, com isso, das comunidades tradicionais como um todo, ou, ao contrário, contribuir para o seu fortalecimento.

## Referências

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti & CABALLERO, Javier. Structure and floristics of homegardens in Northeastern Brazil. *Journal of Arid Environments*, v. 62, 2005, p. 491-506.

ALI, Abu Muhammad Shajaat. Home gardens in smallholder farming systems: examples from Bangladesh. *Human Ecology*, v. 33, n. 2, 2005, p. 245-270.

ALTIERI, Miguel. *Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável*. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular, AS-PTA, 2012.

AMARAL, Cleomara & NETO, Germano. Os quintais como espaços de conservação e cultivo de alimentos: um estudo na cidade de Rosário Oeste (Mato Grosso, Brasil). *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 3, n. 3, 2008, p. 329-341.

ANDERSSON, Fabiana da Silva; CALDAS, Nádia Velleda & GRISA, Cátia. Agroecologia: potencializando os papéis das mulheres rurais. *Revista do Desenvolvimento Regional (Redes)*, v. 22, n. 2, 2017, p. 320-351.

ANJOS, Flávio & CALDAS, Nádia. O futuro ameaçado: o mundo rural face os desafios da masculinização, envelhecimento e desagrarização. *Ensaio FEE*, v. 26, n.1, 2005, p. 661-694.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Estudos Feministas*, v. 12, n. 1, 2004, p. 205-227.

CAMARANO, Ana Amélia & ABRAMOVAY, Ricardo. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos 50 anos. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 15, n. 2, 1999.

CARNEY, Judith. Women's land rights in Gambian irrigated rice schemes: Constraints and opportunities. *Agriculture and Human Values*, v. 15, 1998, p. 325-336.

CARVALHO, Thamires; ABREU, Diego; LUCENA, Camila; PEDROSA, Kamila; NETO, Carlos Frederico; ALVES, Carlos Antônio; FÉLIX, Leonardo; FLORENTINO, Alissandra; ALVES, Rômulo; ANDRADE, Leonaldo & LUCENA, Reinaldo. Structure and floristics of home gardens in an altitudinal marsh in Northeastern Brazil. *Ethnobotany Research & Applications*, v. 11, 2013, p. 29-47.

COSTA, Cassiane; FROEHLICH, José Marcos & CARPES, Ricardo Howes. Masculinização rural: uma abordagem a partir da regionalização por sistemas agrários no Rio Grande

do Sul. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, 2013, p. 465-483.

COSTA, Cassiane da & FROEHLICH, José Marcos. Políticas públicas e masculinização rural no Rio Grande do Sul. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 9, n. 17, 2014, p. 27-54.

COSTA, Alfredo; MATOS, Ralfo Edmundo & VALLE, Matheus Henrique. Análise dos processos de masculinização no meio rural dos municípios brasileiros segundo o porte e grau de modernização da agropecuária. *Campo-Território: revista de geografia agrária*, v. 10, n. 21, 2015, p. 271-292.

CUNHA, Maria das Graças Campolina & BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A modernidade do campo e as transformações das relações hierárquicas. *Revista NERA*, n. 35, 2017, p. 65-82.

DANIGGELIS, Ephrosine. Women and 'wild' foods: nutrition and household security among rai and sherpa forager-farmers in Eastern Nepal. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 83-98.

DICK-BISSONNETTE, Linda. The basket makers of the Central California Interior. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 197-210.

ERTUĞ, Füsün. Gendering the tradition of plant gathering in Central Anatolia (Turkey). In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 183-196.

FLORENTINO, Alissandra; ARAÚJO, Elcida & ALBUQUERQUE, Ulysses. Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v. 21, n. 1, 2007, p. 37-47.

FROEHLICH, José Marcos; RAUBER, Cassiane da Costa; CARPES, Ricardo Howes & TOEBE, Marcos. Êxodo seletivo, masculinização e envelhecimento da população rural na região central do RS. *Ciência Rural*, v.41, n.9, 2011, p.1674-1680.

GALHENA, Dilrukshi Hashini; RUSSELL, Freed & MAREDIA, Karim. Homegardens: a promising approach to enhance household food security and wellbeing". *Agriculture & Food Security*, v. 2, n. 8, 2013.

GLIESSMAN, Stephen. *Agroecologia. Processos ecológicos em agricultura sustentável*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

GOEBEL, Allison. Gender and entitlements in the zimbabwean woodlands: a case study of resettlement. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 115-130.

GREENBERG, Laurie. Women in the garden and kitchen: the role of cuisine in the conservation of traditional house lot crops among Yucatec Mayan immigrants. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 51-65.

HARDING, Sandra. Gênero, democracia e filosofia da ciência. *Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde*, v.1, n.1, 2007, p.163-168.

HATFIELD, Samantha Chisholm & HONG, Sun-Kee. Mermaids of South Korea: Haenyeo (Women Divers) traditional ecological knowledge, and climate change impacts. *Journal of Marine and Island Cultures*, v. 8, n.1, 2019, p. 1-16.

HEREDIA, Beatriz & CINTRÃO, Rosângela. Gênero e acesso a políticas públicas no meio rural brasileiro. *Revista NERA*, n. 8, 2006, p. 1-28.

HOFFMANN, Shirley. Arawakan Women and the erosion of traditional food production in Amazonas Venezuela. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 258-272.

HOWARD, Patrícia L. Women and the plant world. An exploration. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 1-48.

HOWARD, Patricia. Gender and social dynamics in swidden and homegarden in Latin America. In: KUMAR, Mohan & NAIR, Ramachandran (ed.). *Tropical homegardens: a time-tested example of sustainable agroforestry*. Netherlands: Springer, 2006.

HOWARD-BORJAS, Patrícia Louise & CUIJPERS, Willemijn. Gender relations in local plant genetic resource management and conservation. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/40792278\\_Gender\\_and\\_the\\_management\\_and\\_conservation\\_of\\_plant\\_biodiversity/stats#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/40792278_Gender_and_the_management_and_conservation_of_plant_biodiversity/stats#fullTextFileContent). Acesso em: 13 mai. 2020.

JACKSON, Cecile. Feminism spoken here: epistemologies for interdisciplinary development research. *Development and Change*, v. 37, n. 3, 2006, p. 525-547.

KIMBER, Clarissa. Gardens and dwelling: people in vernacular gardens. *The Geographical Review*, v. 94, n. 3, 2004, p. 263-283.

KOTHARI, Brij. The invisible queen in the plant kingdom: gender perspectives in medical ethnobotany. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 150-164.

KUMAR, Mohran & NAIR, Ramachandran. The enigma of tropical homegardens. *Agroforestry Systems*, v. 61, 2004, p. 135-152.

LOPES NETO, Antônio Augusto; FEITAL, Auxiliadora; LOPES, Isabel de Luanda; ALMEIDA, Angélica & TELLES, Liliam. Caderneta Agroecológica: empoderando mulheres, fortalecendo a Agroecologia. *Agriculturas*, v. 12, n. 4, 2015, p. 43-47.

MAIA, Cláudia. Trabalho, família e gênero: estratégias de reprodução social camponesa no Médio Jequitinhonha. *Revista Mulher e Trabalho*, v. 4, n. 1, 2004.

MALAZA, Milicent. Modernization and Gender dynamics in the loss of agrobiodiversity in Swaziland's food system. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 243-257.

NOBRE, Miriam. Relações de gênero e agricultura familiar. In: NOBRE, Miriam; SILIPRANDI, Emma; QUINTELA, Sandra & MENASCHE, Renata (org.). *Gênero e agricultura familiar*. São Paulo: SOF, 1998, s/p.

OAKLEY, Emily. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. *Agriculturas*, v. 1, n.1, 2004, p. 37-39.

PACHECO, Maria Emília. Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. *Revista Proposta*, n. 71, 1997, p. 30-38.

PADMANABHAN, Martina. Women and men as conservers, users and managers of agrobiodiversity. A feminist social-ecological approach. *The Journal of Socio-Economics*, v. 40, n. 6, 2011 p. 968-976.

PEREIRA, Lis; SOLDATI, Gustavo; DUQUE-BRASIL, Reinaldo; COELHO, France & SCHAEFER, Carlos. Agrobiodiversidade em quintais como estratégia para a soberania alimentar no semiárido norte mineiro. *Ethnoscintia*, v. 2, 2017, p. 1-25.

PFEIFFER, Jeanine & BUTZ, Ramona. Assessing cultural and ecological variation in ethnobiological research: the importance of gender. *Journal of Ethnobiology*, v. 25, n. 2, 2005, p. 240-278.

PIERONI, Andrea. Wild food plants and arbëresh women in Lucania, Southern Italy. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 66-82.

PRICE, Lisa Leimar. Farm women's rights and roles in wild plant food gathering and management in North-east Thailand. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 101-114.

RAMOS, Flávia Soares. Do campo à academia, da academia ao campo: as mulheres na agroecologia. *Revista de Ciências Sociais*, v.7, n. 1, 2017, p.43-65.

ROCES, Irene García & MONTIEL, Marta Soler. Mujeres, agroecología y soberanía alimentaria en la comunidad Moreno Maia del Estado de Acre. Brasil. *Investigaciones Feministas*, v. 1, 2010, p. 43-65.

SCHIEBINGR, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* Tradução: Raul Fiker. Bauru: EDUSC, 2001.

SILIPRANDI, Emma. *Mulheres e agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2015.

SILLITOE, Paul. The gender of crops in the Papua New Guinea highlands. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 165-180.

SONG, Yiching; JIGGIN, Janice. Women and maize breeding: the development of new seed systems in a marginal area of South-West China. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 273-288.

SOUZA, Célia Cristina & SCUDELLER, Veridiana. Os quintais nas comunidades Julião e Agrovila Amazonino Mendes, baixo Rio Negro, Manaus-AM. In: SANTOS-SILVA, Edinaldo; CAVALCANTI, Mauro José & SCUDELLER, Veridiana. *BioTupé: meio físico, diversidade biológica e sociocultural do Baixo Rio Negro, Amazônia Central*, v. 03, 2011, p. 495-521.

TOLEDO, Victor & BARRERA BASSOLS, Narciso. *A memória biocultural. A importância ecológica das sabedorias tradicionais*. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TSEGAYE, Bayush. The significance of biodiversity for sustaining agricultural production and role of women in the traditional sector: the ethiopian experience. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, n. 62, 1997, p. 215-227.

TURNER, Nancy. 'Passing on the news': women's work, traditional knowledge and plant resource management in indigenous societies of North-western North America. In: HOWARD, Patricia L. (ed.). *Women and plants: gender relations in biodiversity management & conservation*. London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 133-149.

VORSTER, Halina Johanna; STEVENS, Joseph Benjamin & STEYN, Gert Jacobus. Production systems of traditional leafy vegetables: challenges for research and extension. *South African Society of Agricultural Extension*. v. 37, 2008, p. 85-96.

WILSON, Margot. Exchange, patriarchy and status: women's homegardens in Bangladesh. In: HOWARD, Patricia Louise (ed.). *Women and Plants: gender relations in biodiversity management & conservation* (211-225). London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 211-226.

WOORTMANN, Ellen & WOORTMANN, Klaas. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

WOOTEN, Stephen. Losing ground: gender relations, commercial horticulture, and threats to local plant diversity in rural Mali. In: HOWARD, Patricia Louise (ed.). *Women and Plants: gender relations in biodiversity management & conservation* (229-242). London & New York: Zed Books Ltd, 2003, p. 229-242.

Recebido em 01/10/2024.

Aceito em 07/11/2024.